

**Das in/ex pressões em resgate a um século de Design em Pelotas:
a pertinência de um estudo interdisciplinar**

Ana da Rosa Bandeira
Daniela Velleda Brisolara

Resumo

Este artigo busca situar o começo do projeto de pesquisa *Memória Gráfica: in/ex pressões em resgate*, em 2005, e indicar a pertinência de uma das frentes da pesquisa atual mais abrangente e completa, *Memória gráfica de Pelotas: um século de design*. O levantamento histórico da trajetória de um periódico local como o jornal Diário Popular de Pelotas, em funcionamento desde 1890, margeia a produção gráfica e todas as evoluções técnicas que podem ser observadas ao longo de um século no que diz respeito ao desenvolvimento do design gráfico impresso em nesta cidade.

Palavras-Chave: design editorial, memória, Diário Popular.

Introdução

A gravura e o design gráfico são atividades estreitamente relacionadas por vários aspectos. Seja pelo caráter eminentemente bidimensional de suas produções, pelos possíveis resultados visuais a serem alcançados ou, e principalmente, pela possibilidade de mescla de ambos em projetos - por isso mesmo - muito mais ricos e diferenciados, justifica-se uma busca por esse estreitamento entre ambas. De acordo com Cláudio Ferlauto, *“Um projeto que não leve em consideração as realidades circundantes - sociais, culturais, econômicas, ecológicas - não é um projeto viável para a sociedade. É apenas um exercício de diletantismo, às vezes até virtuoso e de talento, mas vazio”* (FERLAUTO, O livro da gráfica, 2001, p.34). Pensando nisso, no ano de 2005, a então professora substituta do curso de Design Gráfico da UFPel e formada com habilitação em Design Gráfico e Gravura Daniela Velleda Brisolara idealizou um projeto de pesquisa que pretendia dar visualidade a tal relação, através do resgate histórico de rótulos produzidos pelas indústrias de Pelotas no período de 1900 a 1950. A intenção então era produzir um livro de caráter experimental que unisse tipografia, gravura, design editorial, design experimental e produção gráfica. Nesse sentido, a também professora substituta da mesma instituição à época, Ana da Rosa Bandeira, foi convidada a participar por conta de sua área principal de estudo e atuação: o design editorial.

Transpondo tal quadro para a realidade pelotense, buscava-se analisar a produção de rótulos com a indústria conserveira de Pelotas na mesma época, além de dar

visibilidade à produção local desse tipo de impresso e, com isso, fazer um levantamento histórico da memória gráfica e das técnicas de impressão utilizadas pelas indústrias locais na primeira metade do século XX. Tal resgate histórico era considerado então relevante como referência visual consistente para novas projeções - e experimentações, ou seja, pretendia-se destacar as possibilidades projetuais da utilização de métodos tradicionais em projetos contemporâneos. Em relação ao suporte ideal para apresentação dos resultados da pesquisa, considerou-se naquele momento, o design editorial (através do mais antigo de seus meios, o livro) o mais adequado e passível de bons resultados gráficos. Acreditava-se que unir referências como o trabalho da gravurista Lótus Lobo - com seu resgate de rótulos antigos - à produção contemporânea de impressos através da tipografia e do design editorial, destacando e valorizando a gravura na obtenção de resultados diferenciados (daí o caráter experimental do proposto) caracterizava uma proposta relevante, inserida em um Instituto que oferece, desde o final dos anos 1990, formação em ambas as habilitações.

O projeto de pesquisa, sob o nome *Memória gráfica: in/ex pressões em resgate* foi assim idealizado e apresentado pelas professoras coordenadoras no evento SulDesign de 2005, em Pelotas, e contava com um grupo de alunos pesquisadores tanto na área do Design Gráfico (Guilherme Gonçalves, Ângela Rangel e Ana Paula Bet) quanto da Gravura (Tatiane Kuhn e Gabriela Pereira). Além disso, a colaboração de Marcelo Calheiros que então escrevia sua monografia de especialização na mesma área (CALHEIROS, 2006) subsidiava a pesquisa com fontes muito ricas. A pesquisa contava também com a contribuição do professor João Fernando Igansi Nunes, que à época encontrava-se afastado para doutoramento em Comunicação, através de catálogos de rótulos de algumas empresas pelotenses, cedidos ao professor por ocasião de uma mostra de embalagens organizada por ele, junto ao CDL, durante a Fenadoce do ano de 2004.

Apesar dessa organização inicial e de todas as possibilidades apontadas pela pesquisa, com o término do contrato das professoras Ana Bandeira e Daniela Brisolara, no final de 2005, o projeto de pesquisa ficou temporariamente estacionado, vindo a ser reativado no segundo semestre de 2008.

Naquele ano as também professoras substitutas do Instituto Chris de Azevedo Ramil, Fabiana Heindrich e Gabriela Fonseca Pereira (presente na versão original ainda como graduanda em Gravura), acompanhadas principalmente por Danielle Neugebauer Wille, Henrique Rockenbach de Almeida e mais alguns alunos interessados em resgatar o projeto, buscaram o apoio de professores efetivos do

Instituto de Artes e Design para reativar o *Memória Gráfica*. Num primeiro momento, encontraram apoio na figura da profa. Maria de Lourdes Reyes, que coordenou artigo do grupo apresentado durante o XVII Congresso de Iniciação Científica da Universidade Federal de Pelotas¹.

Depois de um breve intervalo, no ano de 2009 a pesquisa teve seu objeto de estudo e objetivos revistos e ampliou o grau de pertinência e contribuições previstas até então.

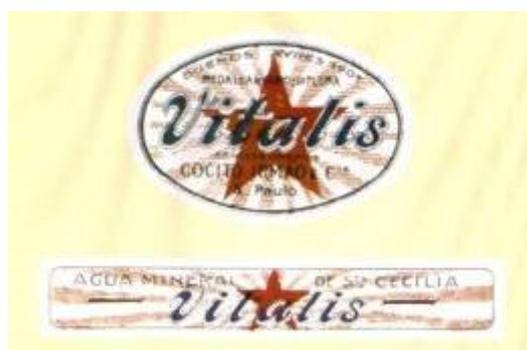
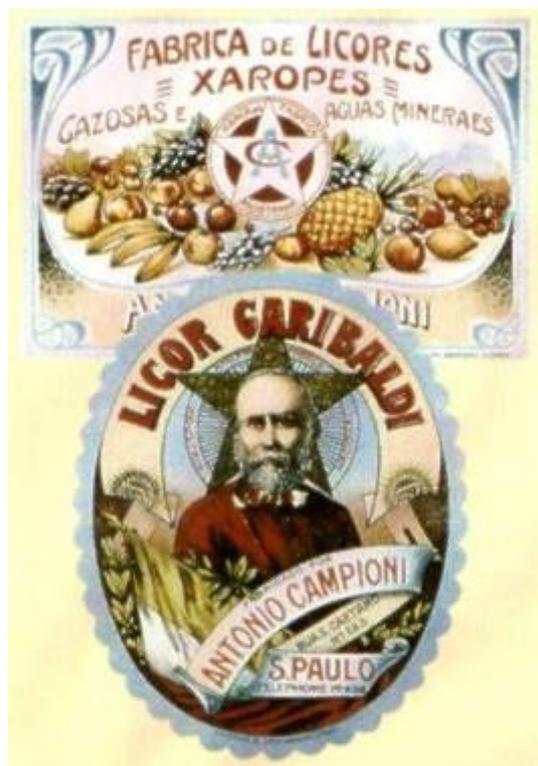


Fig. 01 e 02 - Rótulos da Gráfica Sarcinelli, de São Paulo, serviram como referência para os primeiros levantamentos do grupo de pesquisa, quando ainda se pretendia limitar o levantamento aos rótulos das empresas conserveiras de Pelotas. (Fonte: CAMARGO, 2003).

¹ Artigo publicado na íntegra em <http://iad.ufpel.edu.br/prodart/artigos/ver/25>.

Memória Gráfica de Pelotas: um século de Design

No final do primeiro semestre de 2009 o professor Fernando Igansi assumia o projeto de pesquisa dando-lhe um caráter mais abrangente. O agora nomeado *Memória Gráfica de Pelotas: um século de Design* possui um grupo de colaboradores já bem mais consistente, desde sua retomada. Além da coordenação do professor Igansi e da colaboração de Chris Ramil mesmo após seu afastamento da Universidade, a mestranda em Memória Social e Patrimônio Cultural pela UFPel Nadia Miranda Leschko também passou a integrar o grupo, contribuindo com uma carga de conhecimento acerca de memória e patrimônio, relacionados em sua dissertação justamente com a indústria gráfica de Pelotas o que só enriqueceu ainda mais o estudo. Além dos três professores e ex-professores da instituição o grupo contava, em 2009, ainda com as graduandas em Design Gráfico Danielle Neugebauer Wille (bolsista PET), Mariana Britto Madruga da Silva e Helen Pinho. No início de 2010, Paula Lima, também mestranda em Memória Social e Patrimônio Cultural passou a integrar o grupo, bem como Daniela Brisolara, agora professora do Instituto Federal Sul Rio-grandense, no curso de Design, que retorna dando um caráter inter-institucional à pesquisa. Como professora efetiva do Instituto de Artes e Design, Ana Bandeira também retorna ao grupo, interessada principalmente nas questões relativas ao design editorial nesse século de produção pelotense. Completando o grupo, Camila da Silva e Karina Weber, também graduandas em Design Gráfico, inserem-se na pesquisa sob essa nova configuração.

De acordo com a nova proposta da pesquisa, o *Memória Gráfica* busca agora dar conta de um século de Design em Pelotas, como o próprio nome sugere. Com fontes localizadas principalmente na Bibliotheca Pública de Pelotas, o grupo de pesquisa, nesta fase inicial, propõe-se a inventariar todas as peças que dêem pistas da produção gráfica na cidade, como por exemplo Almanques de Pelotas, os Jornais Ilustrados Cabrion, Ilustração Pelotense e Zé Povinho além de livros raros e outras publicações pertinentes. Uma outra fonte muito fértil para a pesquisa é o jornal Diário Popular, que constitui-se a partir de então como objeto de estudo de uma das frentes da pesquisa.

Por ter feito parte da Editoria de Artedo jornal durante dois anos e meio entre os períodos como professora da UFPel, a profa. Ana Bandeira pode perceber a relevância que tal meio de comunicação teve não só no contexto sócio-econômico e cultural da cidade, como também pelo percurso percorrido pela empresa no que diz respeito às mudanças nos métodos de reprodução e impressão utilizados.

A imprensa brasileira e o Diário Popular de Pelotas: 120 anos de história

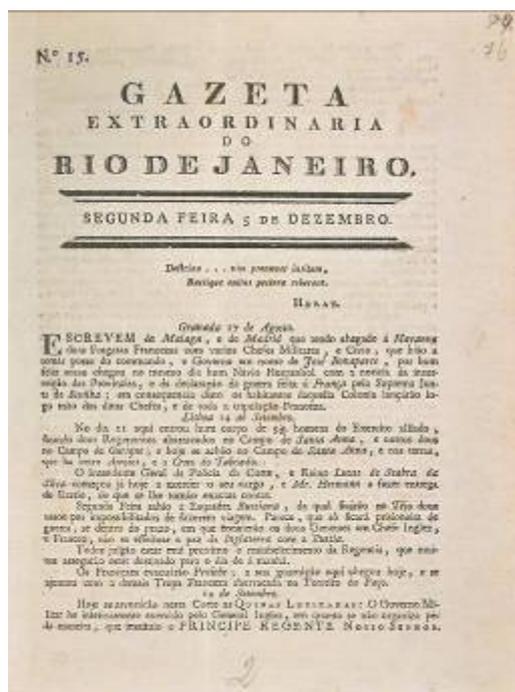


Figura 03- Capa do primeiro jornal inteiramente impresso e editado no Brasil, A Gazeta do Rio de Janeiro, de 1808. (Fonte: Camargo, 2003)

Tardiamente, o Brasil teve seu primeiro jornal editado no ano de 1808. A *Gazeta do Rio de Janeiro* só foi viabilizada graças ao decreto de 13 de maio de 1808, que permitiu a instalação da Impressão Régia, por ocasião da vinda da família real para o país (CAMARGO, 2003).

Neste contexto tardio, apesar da utilização de fotografias em impressos periódicos na Europa datar da década de 1840, no Brasil tais possibilidades técnicas passaram a ser exploradas a partir da década de 1860. segundo Andrade (in CARDOSO, 2005, p. 69)

[...] o ano de 1876 é sem dúvida o mais marcante da imprensa ilustrada do Rio de Janeiro no século XIX: alguns periódicos saíram de circulação e outros tantos foram estabelecidos, consolidando o modelo já consagrado localmente dos periódicos com imagens litografadas.

Tão relevantes para a imprensa periódica, a reprodução de desenhos e fotografias mediante processos fotomecânicos só foram alcançadas na última década do séc. XIX no Rio de Janeiro, ainda em caráter experimental. Ainda segundo Andrade (op. cit. p. 85-6),

[...] foi somente a partir da primeira fase da revista da Semana, iniciada em 1900, que a nossa imprensa começou sua verdadeira transição para um formato em que texto e imagem eram

verdadeiramente integrados e a fotografia constituía, em muitos casos, a notícia.

No Rio Grande do Sul e mais especificamente em Pelotas, no final do século XIX ainda se construía um cenário de pujança econômica e cultural. Muitas indústrias, comércio bem desenvolvido e o contato estreito com a cultura europeia faziam da região de Pelotas e Rio Grande um terreno fértil para a divulgação de informações. Nesse contexto, foi inaugurado em 1890 o Diário Popular de Pelotas, que persiste em sua versão matutina (originalmente existia também uma edição vespertina) ao longo de 120 anos. Passando por guerras, revoluções e crises tanto de caráter nacional quanto local, como a quebra do Banco Pelotense, em 1931, de cujo baque a cidade jamais se recuperou (MOURA, 2002), a empresa sobrevive até hoje. O estudo apurado de sua história permite que se estabeleça tanto um rico contexto da produção gráfica na cidade (além de editar o jornal, a Gráfica Diário Popular Ltda. presta serviços à comunidade, imprimindo inclusive publicações em caráter terceirizado) quanto permite que se acompanhem algumas mudanças técnicas relevantes ao contexto da pesquisa.

Algumas comparações são importantes. Ao passo em que, no resto do país, os anos 50 representaram um salto em termos de industrialização, aqui as coisas demoraram bem mais a acontecer. A contextualização de Camargo (2003, p. 85) é bem elucidativa neste ponto. Segundo o autor, durante a década de 50, com um salto do produto Nacional Bruto de 3,2 por cento em 1955 para 7,3, quatro anos depois, muitas mudanças foram possíveis.

[...] Juscelino permitiu que a indústria gráfica se reequipasse no exterior. A consequência foi uma expansão sem precedentes na história do setor, que de 1950 a 1960 cresceu 143 por cento. As gráficas não apenas renovaram a maquinaria, como trataram de ampliar sua ação no mercado, multiplicando-se em filiais.

A partir de então o desenvolvimento do off-set no país cresceu vertiginosamente. Em Pelotas, o Diário Popular só mudaria em setembro de 1984 todo o seu parque gráfico, que passou então do sistema tipográfico para a impressão em offset. Todas estas peculiaridades em relação ao cenário local e sua comparação ao que acontecia no resto do país mostram-se muito válidas.

Considerações finais

Considerando que o lócus desta pesquisa se dá num ambiente em que a memória e a expressão de uma identidade são latentes, considera-se de extrema relevância

reafirmar a pertinência deste grupo, multidisciplinar mas focado em um mesmo objetivo, diante do cenário de pesquisa e disseminação de conhecimento no qual se assenta. Auxiliar na construção do cenário de produção de Pelotas, mapeando as condições em que se desenvolveram as artes gráficas e, em última instância, o design gráfico nesta cidade, só vem a consolidar todos os aspectos da herança cultural como patrimônio construído e reafirmado ao longo de, no mínimo, um século e meio nesta área de atuação e conhecimento. Sendo assim, não há dúvidas de que a opção por um objeto de estudo que corporeifica tanto essa noção de patrimônio cultural quanto serve como meio de se perceber os aspectos tecnológicos, históricos e sociais de todas as transformações sofridas pelo ramo do design gráfico e mais especificamente do design editorial na cidade de Pelotas, se mostra pertinente.

Referências (listar apenas as obras referidas no texto)

- CALHEIROS, Marcelo. *Impressos Pelotenses: informação, funcionalidade, expressão*. Monografia, Ed. UFPel, 2006.
- CAMARGO, Mario de. *Gráfica: arte e indústria no Brasil: 180 anos de história*. São Paulo: Bandeirantes, 2003.
- CARDOSO, Rafael. *O design brasileiro antes do design. 1870-1960*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- FERLAUTO, Cláudio. *O livro da gráfica*. Rio de Janeiro: Editora Rosari, 2001.
- MOURA, Rosa Maria García Rolim. *100 Imagens da Arquitetura Pelotense*. 2ª Edição. Pelotas: Pallotti, 2002.
- WILLE, Danielle Neugebauer; PEREIRA, Gabriela Fonseca; HEINRICH, Fabiana Oliveira; RAMIL, Chris de Azevedo; REYES, Maria de Lourdes Valente. *Memória gráfica: considerações sobre rótulos de aspargos da indústria de Pelotas*. *Anais do XVII Congresso de Iniciação Científica e X Encontro de Pós-Graduação da UFPel*. 2008. Disponível em <http://iad.ufpel.edu.br/prodart/artigos/ver/25>. Acesso em 9 de abril de 2010.

Nome do autor

Ana da Rosa Bandeira possui graduação em Artes Visuais - hab. Design Gráfico pela Universidade Federal de Pelotas (2002), e em Comunicação Social - hab. Publicidade e Propaganda pela Universidade Católica de Pelotas (2005). Concluiu mestrado em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (2007). Trabalhou durante 2 anos e meio como diagramadora no Jornal Diário Popular - Gráfica Diário Popular Ltda., em Pelotas, fazendo parte da Editoria de Arte do jornal. Atualmente é professora

assistente do Curso de Design Gráfico do IAD - UFPel, onde já foi professora substituta durante os anos de 2004 e 2005, ministrando disciplinas de projeto gráfico, produção gráfica e design da informação, com ênfase em design editorial.

Daniela Velleda Brisolara possui graduação em Artes Visuais - Habilitação em Design Gráfico (2002) e graduação em Artes Visuais - Habilitação em Gravura (2002), ambas pela Universidade Federal de Pelotas. Recentemente concluiu o Mestrado em Design (bolsista CAPES) pelo Programa de Pós-Graduação em Design da UFPR - Linha de Pesquisa em Design de Sistemas de Informação. Atualmente é professora no departamento de Design (Comunicação visual e Design de móveis) do Instituto Federal Sul Rio-grandense.